

Para Bulhões, "a economia está um verdadeiro pandemônio"

2.6 AGO 1983

Economia Brasil

Bulhões condena política de recessão e desemprego

JORNAL DO BRASIL

São Paulo — "Pelo amor de Deus, não confundam combate radical à inflação com recessão e desemprego". Esse apelo, patético e bem-humorado ao mesmo tempo, foi feito ontem de manhã pelo ex-Ministro da Fazenda Octávio Gouvêa de Bulhões a 350 empresários que foram ao São Paulo Hilton Hotel tomar café da manhã em sua companhia.

— Não sou autoridade nem convenço as autoridades. Por isso, vou fazendo minhas palestras repisando os mesmos temas. Sei que minha opinião é oposta à de todos, empresários e Governo — disse, para a delícia da platéia, que ria frequentemente de suas tiradas de humor, na reunião em que se comemorava o 33º aniversário do Grupo Fenícia.

Combate à inflação

Não houve pergunta que se fizesse a Bulhões, durante os debates posteriores à sua palestra, num auditório do hotel, que não merecesse uma resposta contemplando a prioridade dada pelo ex-Ministro de Castelo Branco ao combate drástico à inflação.

— Os documentos dos empresários e do PMDB propõem medidas a médio e longo prazo. Minhas medidas são a curto prazo — fulminou, ao responder à pergunta de um repórter, no intervalo entre a palestra e os debates com os empresários.

A curto prazo deve ser enfrentada a inflação, acha ele. E por um só caminho: fim da expansão do crédito, com contenção da base monetária. Apesar de fazer questão, sempre, de destacar que não estava seguro de que essas providências seriam adotadas, mas apenas manifestava sua opinião pessoal, Octávio Gouvêa de Bulhões previu que após a sua implementação os preços imediatamente se estabilizariam, os juros cairiam e voltariam à normalidade e a economia se recuperaria.

— O que traz recessão e desemprego é essa política gradualística de combate à inflação, adotada há 20 anos no Brasil. Aqui se quer conseguir rentabilidade e liquidez ao mesmo tempo. Por isso, a economia está um verdadeiro pandemônio — disse, provocando a gargalhada geral do auditório.

O projeto que Bulhões apresenta ao Brasil torna dispensável a correção monetária, "que já produziu benefícios para a economia brasileira, mas é hoje um enorme malefício".

O veterano economista não perdoa os subsídios — principalmente aos derivados de petróleo, caracterizando o privilégio do consumo sobre a produção — consequência que considera uma visão errada da política econômica brasileira, que repete os erros, por ele apontados no início da palestra, das autoridades econômicas norte-americanas nos anos de 1964 e 1965.

— Na redistribuição da renda, podemos observar os deploráveis resultados da política paternalista de transferir recursos de uns em favor de outros. Os exemplos históricos revelam a queda da eficiência produtiva pela sequência das transferências da produção para o consumo.

Menos Imposto de Renda

Durante os debates, o professor Bulhões criticou o PIS ("mal formulado e pressimamente executado") e recomen-

dou a redução da cobrança de Imposto de Renda para os indivíduos que investem em empresas privadas. A não tributação dos dividendos correspondentes a ações subscritas é a forma ideal, em sua ótica, para aliviar a situação financeira das empresas.

A um empresário que manifestou o receio de que sua proposta de combate drástico à inflação se transforme numa recessão violenta demais, pediu "pelo amor de Deus", que não confundisse as coisas. E completou:

— Se formos pensar assim, poderemos dizer que este país está destinado à inflação para a eternidade. Não tenho mais tempo para viver o suficiente e ver os resultados dessa mentalidade. Mas de uma coisa estou seguro: o desastre total será inevitável. Posso, ao contrário, assegurar que o combate firme à inflação não traz recessão nem desemprego.

Octávio Gouvêa de Bulhões não quer uma ditadura para fazer valer seu combate radical à inflação. Acha, até muito pelo contrário, que ele só é possível num regime aberto, com a sociedade discutindo livremente as alternativas e se predispondo ao sacrifício.

Mais tarde, numa improvisada entrevista coletiva, ele manifestou a opinião de que o Decreto 2.045, (que limita os reajustes salariais em 80% do INPC), apesar de válido, é apenas um "passo paralelo", insuficiente para que o Governo trave mesmo uma guerra com o inimigo número um de nossa economia, a inflação.

— As pessoas prejudicadas por tal decreto têm o direito de se queixar amargamente dele, porque o Governo demonstra não estar interessado em eliminar as causas, mas apenas combater os efeitos — acha ele.

Não à moratória

— Ninguém trata dos credores sem entrar em entendimento com eles — explicou, para dizer que não há moratória unilateral. — Nossos credores estão com muita vontade de ajudar ao Brasil. Mas o Brasil é que não está ajudando a se chegar a uma solução satisfatória do problema. A boa vontade dos credores deve ter, em contrapartida, uma demonstração cabal de disciplina econômica e financeira. É preciso primeiro arrumar internamente nossa casa.

Bulhões disse que estatais como a Vale do Rio Doce e a Eletrobrás não contribuíram decisivamente para a inflação, ao contrário das empresas do Grupo Siderbrás, que, segundo ele, foi organizado sem capital e com investimentos feitos a custo de emissão de papel-moeda.

Octávio Gouvêa de Bulhões doou o cachê de sua palestra à fundação Orquestra Sinfônica Brasileira e seu anfitrião, Jorge Wilson Simeira Jacob, explicou que havia substituído o coquetel comemorativo do 33º aniversário por um café da manhã, à base de bacon com ovos, frutas e receitas econômicas do ex-Ministro, porque a situação exige contenção de despesas.

Antes de deixar o São Paulo Hilton Hotel, o veterano economista recusou-se a responder a uma repórter que queria saber sua previsão para o índice de inflação deste ano:

— Ora, minha filha, pergunte ao Kahn, que já morreu.